

USO DE AFLORAMENTOS COMO RECURSO DIDÁTICO EM TREINAMENTO CORPORATIVO DE NÃO-GEÓLOGOS

Silva, A.T.¹; Mello, C.L.²; Moraes, A.¹

¹Petrobras/Cenpes; ²Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: As diversas atividades executadas pela indústria do petróleo, seja para descobrir novas reservas ou para a produção de hidrocarbonetos, demandam a criação de grupos multidisciplinares de trabalho. Essas equipes podem ser compostas por geólogos, geofísicos com formação em geologia, geofísicos não-geólogos (*i.e.* físicos; engenheiros), técnicos de exploração, engenheiros de reservatório, engenheiros de perfuração e analistas de sistemas, em combinações variáveis a depender dos objetivos de cada projeto. Em razão da diferenciação na formação pregressa e treinamento desses técnicos, e da desinformação geológica na sociedade, frequentemente ocorrem dificuldades na comunicação de premissas e conceitos. Um recurso utilizado pelas empresas para contornar tais dificuldades é oferecer aos funcionários cursos de aperfeiçoamento ou treinamento em áreas correlacionadas àquelas próprias dos técnicos (*e.g.* curso de engenharia de reservatórios para geólogos de reservatório). Esses cursos costumam ser eficazes quando o hiato de conhecimento pode ser suprido com informações teóricas e treinamento em programas computacionais ou em laboratório. Mas como fazer alguém que nunca viu uma rocha falhada compreender o que é uma zona de dano de falha? Por experiência, muitos engenheiros de reservatório costumam confundir o conceito dessa feição geológica com aquele do dano à formação causado por excesso de pressurização em poços. Esse equívoco parece absurdo para um geólogo, mas simplesmente porque estamos acostumados a ver falhas em afloramentos e o efeito da dispersão da energia da deformação na rocha no entorno da superfície principal de deslocamento. Ou seja, os sucessivos trabalhos de campo que realizamos ao longo da nossa formação profissional fornecem informações necessárias para o processamento cognitivo do que seja uma zona de dano de falha, e suas possíveis implicações para a qualidade de uma rocha reservatório, assim que ouvimos ou lemos o termo. Paulo Freire, no seu livro “Pedagogia da Autonomia”, defende que o professor deve respeitar os saberes prévios dos alunos e buscar fornecer a esses alunos experiências que possam ser transformadas em pensamentos que os integrem à investigação de novos métodos e saberes. É nesse sentido que o uso de afloramentos no treinamento corporativo de não-geólogos se torna um recurso didático importante. No caso da experiência que resultou na presente comunicação, ao longo de quatro anos foi oferecido um curso de campo para não-geólogos (uma turma por ano), com foco em Geologia Estrutural. A duração de cada edição do curso foi de cinco dias, com alternância entre aulas teóricas e visitas a afloramentos, onde era possível observar e discutir os elementos estruturais e tectônicos vistos na teoria, coletar medidas e integrar informações, incluindo discussões sobre as aplicações práticas nas atividades desenvolvidas pela empresa. Foram atendidos analistas de sistemas, engenheiros com diversas formações, geofísicos físicos, técnicos de exploração e técnicos em química de petróleo. O que se observou posteriormente é que a experiência cognitiva de ver diferentes tipos de rochas e como diferentes tipos de eventos tectônicos as afetava causou mudanças na forma como os alunos passaram a considerar e compreender as informações que seus colegas geólogos forneciam. Em alguns casos, com igual ou até maior entusiasmo que aqueles.

PALAVRAS-CHAVE: AFLORAMENTO; TREINAMENTO CORPORATIVO; NÃO-GEÓLOGOS.